



# ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A REALIZAÇÃO PROFISSIONAL DO PROFESSOR

Roberto Miscow Filho

## INTRODUÇÃO

**S**omando os anos passados como instrutor em corpo de tropa e na Academia Militar das Agulhas Negras, mais o tempo passado como professor no Colégio Militar de Curitiba e no Instituto Militar de Engenharia, chegamos a um total que representa mais de quarenta por cento dos anos por nós vividos.

Durante esses anos ligados ao magistério, seja no sentido estrito seja no sentido lato, temos vivido a experiência do professor, experiência muitas vezes feliz, algumas poucas vezes frustradora, porém sempre estimulante.

Essa vivência animou-nos a escrever as reflexões que se seguem. Talvez elas já tenham ocorrido, de forma mais ou menos semelhante, aos demais colegas de "tablado".

## UMA "DEFINIÇÃO"

Euclides da Cunha, em seu magistral estudo "Os Sertões", deixou-nos a definição famosa pelo sintético enunciado: "*O sertanejo é antes de tudo um forte*".

Se fôssemos tentar uma conceituação sintética aplicável ao professor (e, é claro, ficando muito longe da genialidade euclidiana) poderíamos escrever: "*O professor é antes de tudo um intelectual*".

Provavelmente, a definição proposta encontrará generosa acolhida não só entre aqueles dedicados ao ensino, em seus diferentes níveis, como também entre outros leitores capazes de entender a natureza do magistério.

Pretendemos, nestas reflexões, observar dificuldades possíveis de surgir quando se vai da teoria à prática, isto é, verificar se algumas

condições da sociedade moderna favorecem a realização intelectual do professor. Para abreviar a análise, arbitramos um esquema onde três aspectos são adotados como referência: a educação, a política e a economia contemporânea.

### UMA VISÃO PANORÂMICA

Inicialmente, no que tange à educação, a tendência mundial vem sendo para o pragmatismo; o grande educador norte-americano ROBERT MAYNARD HUTCHINS levou anos, em seu país, profligando essa tendência. No Brasil, por exemplo, tivemos, entre outras iniciativas pouco felizes, a retirada do estudo do latim e a introdução dos chamados "cursos profissionalizantes" no curso secundário...

Tempo atrás, após as primeiras provas do vestibular, um jornal carioca publicou declaração de professor da CESGRANRIO afirmando ser o "hábito da leitura de jornais e revistas fundamental para um bom desempenho dos candidatos nas provas de História, Geografia e OSPB" (sic). Ora, parece-nos mais sensato reconhecer que jornais, revistas, noticiário de TV etc somente nos fornecem informação, admitir que não se deve confundir informação e conhecimento. Os antigos, aliás, diziam com muita sabedoria: "*non datur scientia de individuo*", ou seja: não existe conhecimento autêntico, verdadeira ciência, daquilo que é particular, transitório.

Outro fato: os cursos universitários vinham sendo, entre nós brasileiros pelo menos, considerados

máquinas de produzir diploma profissional, a garantia de um bom emprego apenas (é a tão falada "massificação" do ensino superior). Não estariam os meios de comunicação, muitas vezes, como seus filmes, programas humorísticos, noticiários, novelas, propagandas etc, incentivando a busca frenética e competitiva da segurança, do bem estar e do chamado "status", e, desses modo, contribuindo, pelo menos indiretamente, para formar essa visão atrofiada do verdadeiro papel da universidade?

Que o problema atual do ensino (primário, secundário ou universitário) não é só do Brasil, pode-se constatar através da leitura do editorial "VOLTA ÀS BASES", do "Jornal do Brasil" de 12 set 82, do qual transcrevemos o seguinte trecho:

*"Mas a profissionalização, seja em que nível for (incluindo o superior), não deveria nunca ser confundida com um enfraquecimento ou com o virtual abandono de uma educação geral — que, só ela, pode formar a mente.*

*É interessante verificar até que ponto este tema está provocando um aceso debate num país superdesenvolvido — os Estados Unidos. As queixas sobre a educação americana lembram às vezes, de forma curiosa, as que se fazem quanto ao estudante brasileiro. Um quase desesperado gerente de banco, em Illinois escreveu ao Wall Street Journal: "cada vez mais postulantes que examinamos apenas saídos da escola são incapazes de escreverem uma frase completa".*

*Essa queixa reflete a quebra de padrões na educação básica norte-americana. Os motivos foram alinhados por Burton Pines, autor de Back to Basics (sucesso do momento nos EUA). Eles incluem a quebra da disciplina nas escolas; os livros que têm mais desenhos do que textos; as atividades escolares repletas de recreações; o abandono da idéia de competição."*

Que representam as drogas senão um grave sintoma do tédio de uma juventude cuja educação utilitarista dificulta a descoberta de um sentido para a vida, de um significado para a existência humana?

Em certos ambientes religiosos, onde aquele sentido deveria ser exposto de maneira clara, o cristianismo vem sendo apresentado de modo distorcido ou mutilado, como se ele fosse um tipo de moralismo. Entre os chamados "progressistas", por exemplo, surge o que chamaríamos "moralismo social", isto é, eles acham que a finalidade da religião é transformar as "estruturas sociais"; eles não mais acreditam que a justiça (com minúscula) entre os homens só existirá realmente quando a Justiça (com maiúscula) for livremente aceita pelo coração do homem.

Por outro lado, no grupo dos chamados "conservadores", aparece o "moralismo pessoal", isto é, a idéia geral de que o objetivo da religião é tornar as pessoas honestas, bem comportadas, dóceis (pelo menos exteriormente). Em um ou em outro desses dois grupos ("progressistas" e "conservadores"); Deus, o Deus Pessoal, é o grande esquecido... Em conse-

quência da leviandade ou da má fé (ou ambas) de Pastores e leigos desnorteados, a descrença se difunde. E, quando profissionais deixam de crer de fato no verdadeiro fundamento da solidariedade humana, não é de admirar que atualmente as profissões, em geral, sejam olhadas apenas como um recurso para ganhar honestamente a vida, isto é, um sentido meramente utilitário.

Na área da política contemporânea, o panorama mundial também se caracteriza pelo pragmatismo, pelo menos desde os tristes acordos de Munique (1938) e dealta (1945).

Mais recentemente, o sofrido escritor russo ALEXANDRE SOLJENITSEN tem censurado o Ocidente pela maneira tibia, indefinida, quase amoral com que enfrentamos a ameaça do totalitarismo, perigo esse já denunciado no romance (que não desejamos profético) "1984", de GEORGE ORWELL.

Com vistas ao pensamento de SOLJENITSEN, convinha reler, por exemplo, o folheto "SOLJENITSEN — O PROFETA DO ABISMO", editado em conjunto pela Biblioteca do Exército e pela revista MANCHETE, bem como o livro "ARQUIPÉLAGO GULAG"; nesse livro, são bem esclarecedoras as notas do grande escritor ao pé das páginas 255, 256 e 257<sup>1</sup>. Naquelas notas, descobrimos, estarecidos, quantas deploráveis concessões países civilizados, poderosos e democráticos são levados a fazer por causa da política chamada, eufemisticamente, de "pragmática"...

A onipresença do Estado, instituição surgida no Renascimento, é uma constante nos países que compõem o mundo moderno, trazendo consigo a valorização excessiva das tarefas técnico-administrativas e o desprestígio de outros trabalhos tanto ou mais inteligentes ou mais criativos. Contrariando a boa orientação aristotélica, hoje em dia fazemos *sempre* o útil prevalecer sobre o inútil.

Na área econômica, em todos os países do mundo (com muito mais ênfase na Rússia e seus satélites e na China Vermelha) predomina a idéia de que os homens serão automaticamente felizes se a produção for sempre cada vez maior, isto é, a filosofia da "produção-em-primeiro-lugar". Tal falácia já foi desmascarada pelo inteligente livro de E. F. SCHUMACHER: "Small is Beautiful" (traduzido no Brasil sob o título "O Negócio é ser Pequeno")<sup>2</sup>, obra escrita por um economista que durante vinte anos (1950/1970) foi Presidente da Junta Nacional de Carvão na Inglaterra, não podendo, portanto, ser acimado como "teórico inexperiente", nem como "literato sonhador".

Lamentavelmente, a falácia continua existindo, gerando como subprodutos a poluição, as megalópolises e o consumismo, este último de aspecto às vezes ridículo conforme se pode ser na poesia: "EU, ETIQUETA", de Carlos Drummond de Andrade, publicada há pouco tempo (ver "Jornal do Brasil", 16 jan 82). Nos países comunistas, a tal "filosofia" vem gerando multidões de escravos; bem alimentados tal-

vez, porém tristemente, desgracadamente escravos... O paternalismo dos regimes socialistas, paradoxalmente, só faz aumentar a desesperança dos povos a eles sujeitos.

O pior é que esses regimes (socialistas, comunistas) conseguiram disseminar no mundo inteiro, mesmo nos países tradicionalmente liberais, a falsa idéia de que os governos *têm que dar* aos povos somente casa, comida e alguma distração — uma versão moderna do "pão-e-circo" do antigo Império Romano... (o erro começa na imposição: *têm que dar* e continua em uma ótica míope das necessidades do homem).

## EXPECTATIVAS

A dúvida que pretendemos levantar é a seguinte: será a situação, esquematicamente apresentada, propícia ao desenvolvimento do trabalho propriamente intelectual, ao respeito pela inteligência como princípio de ação? Ao contrário, não estarão predominando no mundo moderno as soluções imediatistas, os voluntarismos decorrentes da educação pragmática, das políticas de conveniências mesquinhas e das economias alheias ao fator humano?

Dentro desse contexto sociológico deste final de século, como esperar o perfeito entendimento, a correta aceitação de um trabalho cujos frutos exigem uma ou mais gerações para serem colhidos, de uma profissão cujo produto (o ensino) não pode ser observado com os olhos da carne?

Até que ponto os próprios professores, em particular os mais mo-

ços, estarão corajosamente dispostos a considerar o magistério na perspectiva da construção de um processo civilizatório e não apenas como simples recurso para resolver imediatos problemas sociais? Fazemos a pergunta como a fariam os antigos:

*Nossos atuais professores encaram sua profissão "sub specie aeternitatis"?*

Até que ponto as famílias aceitam com naturalidade, e mesmo com alegria, a vocação dos filhos para a nobre e difícil arte de ensinar os filhos dos outros?

Até que ponto, por exemplo, uma adolescente, de família de recursos, em nossos dias terá a coragem para se decidir a fazer apenas o tradicional e simples Curso Normal para ser, apenas, aquela que vai, no mais legítimo e verdadeiro sentido da palavra, *educar*? (Recentemente, a recém nomeada Ministra da Educação, sendo entrevistada, declarou com muita propriedade: "a mulher é educadora nata").

Uma apreciação superficial, uma análise simplista diria serem os problemas do magistério decorrentes dos salários (seria preferível dizer: honorários) baixos ou das verbas reduzidas. Em profundidade, afirmaríamos que a mentalidade contemporânea carece de maior respeito pelos valores do espírito. Convém lembrar sempre: a missão precípua do magistério é transmitir às gerações futuras o legado de civilização das gerações passadas, é despertar nos jovens o entusiasmo pelo saber. O desenvolvimento, o progresso virá por via das consequências!

Neste momento é fácil imaginarmos algum hipotético leitor que se julgue "atualizado" e esteja pensando o seguinte: *"o articulista está vivendo no século passado; hoje em dia, com o aperfeiçoamento dos computadores e o surgimento da informática, da teleinformática, da sociedade-da-informação, brevemente prosa: será peça de museu!"*

Sem dúvida, é compreensível esse moderno deslumbramento com o computador e suas possibilidades; o super-exagerado entusiasmo pela máquina de calcular eletrônica é mais um dos efeitos da propaganda dos meios de comunicação de massa. Entretanto, convinha lembrar o seguinte: o aspecto lateral mais importante no processo educativo, enquanto atividade transitiva, isto é, de pessoa para pessoa, está exatamente nessa possibilidade do *encontro*, isto é, do diálogo.

Num mundo já bastante neurotizado pelo medo exagerado da guerra nuclear, já bastante sufocado pelas poluições acústica, visual e olfativa, já bastante irritado com a ameaça dos diversos terrorismos — pretender, esperar que se elimine uma das melhores oportunidades para um homem dialogar com outros homens, substituindo esse diálogo pela pequena e fria tela de um terminal de computador, é dar mais um passo no sentido da desumanização total. Queremos, realmente, dar esse passo?

Correlacionada ao uso indiscriminado do computador, podemos lembrar ainda certa esperançosa confiança na chamada "era da in-

formação" quando, então, os problemas humanos ficariam (segundo o prevêem futurólogos otimistas) enormemente simplificados pelo uso intensivo e generalizado do processamento eletrônico da informação.

A esses "otimistas" pedimos vênua para lembrar dois aspectos relevantes do problema:

1º) a longa experiência da humanidade tem confirmado ser a técnica, a tecnologia intrinsecamente *neutra*; a pólvora tanto pode ser usada para fabricar inocentes fogos d'artifício, alegria das tradicionais noites juninas, quanto usada como elemento propulsor da bala de um assaltante; uma tela de televisão tanto pode exibir cena de um nobre romance de JOSÉ DE ALENCAR quanto mostrar uma novela barata na qual a dissolução de uma família é apresentada de maneira fútil, como se aquilo não fosse um mal;

2º) sempre existirá uma possibilidade de que a chamada "era da informação" venha a favorecer o estabelecimento daquele super poder de um Estado prepotente e lúgubre tão bem descrito por ORWELL no seu romance "1984", já citado; a fábula do "aprendiz de feiticeiro" nos parece cada vez mais oportuna à medida que aumenta o deslumbramento com os recursos da informática.

## CONCLUSÃO

No teatro, regra geral, o cenário é elemento acessório, pouco ou nada influenciando no desempenho do ator que está em cena. Na vida real,

entretanto, o comportamento de um "ator", por exemplo, daquele (ou daquela) que "faz o papel" do mestre (ou da mestra), é alterado, e muito, pelo cenário das circunstâncias.

No mundo moderno, tal cenário ultrapassa as fronteiras geográficas de um país; gostemos ou não gostemos, a Terra se transformou, para o bem ou para o mal, em uma "enorme aldeia"... Por esse motivo, nossas reflexões incluíram idéias e fatos aparentemente desligados dos problemas brasileiros; achamos difícil analisar qualquer um desses problemas sem estabelecer alguma conexão com o ambiente exterior, quando mais não seja para seguir, pelo menos, o pragmático aforismo: "o experto aprende com a experiência dos outros, o tolo com a própria"... De um ponto de vista mais nobre, poderíamos afirmar que independência não é sinônimo de isolacionismo, ou dizer que o intercâmbio das nações *também* lhes proporciona vantagens materiais!

Em artigo anterior, publicado em "A Defesa Nacional" (nº 705 — JAN-FEV/83) referimo-nos à educação como um dos maiores se não o maior problema brasileiro. No referido texto comentamos vários capítulos do livro de MORTIMER J. ADLER — "The Paideia Proposal — An Educational Manifesto", obra que aborda o problema do ensino básico nos Estados Unidos. Um dos capítulos daquele excelente livro analisa justamente o papel a ser desempenhado pelo professor no cumprimento de uma das missões mais importantes que

a sociedade deve realizar neste nosso conturbado mundo moderno, missão essa talvez a menos espetacular, a menos expressiva em seus aspectos visíveis e que é: a educação da juventude.

No presente artigo, pretendemos trazer modestíssima homenagem àqueles que, em nosso meio, estão engajados no cumprimento daquela missão.

Entretanto, o texto ficaria incompleto se não estivesse nele incluído nosso testemunho de gratidão por todos aqueles que nos ensinaram desde os gárrulos e ingênuos dias do jardim de infância até as mais recentes e sizadas aulas de pós-graduação. Nesse agradecimento merece especial referência a nossa muito saudosa Escola Preparatória de Cadetes de Fortaleza na qual — paralelamente às árduas e exigentes instruções de ordem unida, de tiro e de regulamentos militares, paralelamente às primeiras marchas com mochila e aos serviços de guarda ao quartel — tivemos o prazer e a honra de receber conhecimentos humanísticos, científicos e matemáticos ministrados por um Corpo Docente que dignificava o Magistério. Nomes como Pedro Albano (o sábio), Ary, Godofredo, Pe. Pitta, Maj Ellery, Wolny, Cavalcanti, Brasil, Teixeira e tantos outros nunca serão esquecidos por nós!

## ADENDO

As notas do livro "Arquipélago Gulag", referidas no texto acima, constituem um comentário do próprio SOLJENITSIN sobre o modo

como prisioneiros cossacos foram entregues pelo Ocidente aos soviéticos, no final da 2ª Guerra Mundial. É preciso lembrar: aqueles cossacos haviam lutado *não* contra sua pátria, a Rússia, porém contra o regime que a tiraniza até hoje.

Para os que não têm à mão o livro citado, segue abaixo transcrição das notas:

*"A maneira como esta entrega foi feita teve o caráter pérfido tradicional da diplomacia inglesa. O fato era que os cossacos estavam dispostos a bater-se até a morte ou a partir para outro lado do oceano, mesmo que fosse para o Paraguai ou para a Indochina, desde que não tivessem de entregar-se vivos. Por isso os ingleses propuseram primeiramente aos cossacos que despussem as armas sob o pretexto de unificação. Depois, chamaram os oficiais separadamente dos soldados, para uma pretensa conferência sobre os destinos do Exército, a realizar-se na cidade de Jundenburg, na zona de ocupação inglesa; mas, na noite anterior, tinham cedido secretamente essa cidade às tropas soviéticas. Quarenta ônibus com oficiais, desde os comandantes de companhias até o General Krásnov, passando pelo alto viaduto, desceram diretamente para o semicírculo de carros profissionais, em torno dos quais já se encontravam as escoltas com as listas. E o caminho de regresso estava barrado por tanques soviéticos. Nem sequer podiam suicidar-se, com um tiro ou apunhalando-se: todas as armas tinham sido confiscadas. Alguns lançavam-se do viaduto sobre as pedras da estrada.*

*Depois, por meio do mesmo estratagem, os ingleses entregaram os soldados, metidos em trens (como se fossem reunir-se aos seus oficiais, para receber as armas). Nos seus países, Roosevelt e Churchill são considerados modelos de lucidez política. Entre nós, nas discussões travadas nas prisões russas, sobressaía com assombrosa evidência a sua miopia sistemática e até a sua estipudez. Como puderam eles, na passagem de 1941 para 1945, não assegurar nenhuma garantia de independência para a Europa Oriental? Como puderam eles, em troca do ridículo juguete das quatro zonas de Berlim (que se tornaram o seu futuro calcanhar de Aquiles), abandonar as vastas regiões da Saxônia e da Turingia? E qual foi a razão militar e política que os levou a atirar para as mãos de Stálin, isto é, para a morte, algumas centenas de milhares de cidadãos soviéticos armados, que decididamente não queriam se entregar? Diz-se que desse modo*

*eles pagavam a participação direta de Stálin na guerra contra o Japão. Possuindo já a bomba atômica, isso equivalia a pagar a Stálin para que ele renunciasse não só a ocupar a Mandchúria, mas a fortalecer Mao Tsé-Tung na China e Kim Il Sung em metade da Coréia... Não se tratava, por acaso, de um indigente cálculo político? Mais tarde, quando foi desalojado Mikollajczyk, quando desapareceram Benes e Masaryk, quando foi bloqueada Berlim, abandonada às chamas e asfíxiada Budapeste, quando conservadores tiraram os pés de Suez, será possível que os que entre eles não têm a memória curta não se tenham recordado sequer do episódio dos cossacos?*

#### BIBLIOGRAFIA

1. SOLJENITSEN, A. — Arquipélago Gulag, Biblioteca do Exército, 1975.
2. SCHUMACHER, E. F. — O Negócio é Ser Pequeno ("Small is Beautiful"), 3ª Ed., Editora Zahar, 1981.



O Cei **ROBERTO MISCOW FILHO** pertence ao Quadro de Engenheiros Militares e possui os cursos militares da Academia Militar das Agulhas Negras (Infantaria), da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (Comunicações) e do Instituto Militar de Engenharia (Engenheiro de Comunicações e Mestre em Ciências em Engenharia Elétrica).

Prestou serviços no 13º Batalhão de Caçadoras, Joinville-SC (1953-1956), na Academia Militar das Agulhas Negras (1957-1958) e no Serviço Rádio do Ministério do Exército (1963-1968). Atualmente é o Chefe da Divisão de Ensino e Pesquisa do Instituto Militar de Engenharia (IME).